

No coração de Havelange: memória, biografia e narrativa na *simbólica* de um livro sobre o maior dirigente de futebol do século XX

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha *

Universidade Federal Fluminense

Resumo: A história de João Havelange tem sido objeto de investigação e de curiosidade em diversas biografias escritas por jornalistas, acadêmicos, e até mesmo dirigentes. Em 2011, o *Comitê Olímpico Brasileiro* publicou um livro de memórias, uma espécie de mistura de uma longa entrevista do presidente de honra da FIFA e uma narrativa corrida escrita por dois jornalistas. É preciso dizê-lo que lidamos com um texto de caráter escrito, mas cujo teor e conteúdo é marcado pela oralidade, já que a maior parte dele constitui falas pinçadas do ex-presidente da CBD. Desta forma, o artigo pretende interpretar o discurso de memória contido na ‘peça de colecionar’, mostrando sua imbricação a certa *visão de mundo* elaborada por e sobre Havelange, que, ao colocar o coração como símbolo e a cordialidade como o dever ser, reconstruem os arquétipos tipicamente ideais da liderança política *à brasileira*.

Palavras-chave: Biografia, Narrativa, Memória.

Abstract: The story of João Havelange has been the subject of investigation and curiosity in several biographies written by journalists, scholars, and even football directors. In 2011, the Brazilian Olympic Committee published a memoir, a sort of mixture of a long interview the honorary president of FIFA race and a narrative written by two journalists. It's mandatory to say that we deal with a character written text, but the content and content is marked by orality, since most of it is clamped discourse of former President of CBD. Thus, this paper aims to interpret the speech contained in this 'part of collecting', showing their overlap to a certain *world view* elaborated by Havelange. In this cosmology, the heart is the main symbol and the duty is to be cordial, reconstructing the archetypes of the Brazilian way of political and leadership. **Keywords:** Biography, Narrative, Memory.

Introdução

“nós sempre fomos de *coração aberto*, e a Inglaterra, o senhor volta no tempo, isso há cinquenta anos era *rígida*...”

“o desejo de doar diz sobre o seu *coração*”, João Havelange.

Em 2011, veio a lume uma espécie de *livro de memórias* da vida de Jean Marie Faustin Godefrois d' Havelange, mais conhecido como João Havelange, resultando da

* Mestre em História - Universidade Federal Fluminense

parceria entre o Comitê Olímpico Brasileiro e a Editora Casa da Palavra, bem como do apoio financeiro da *Bradesco Seguros* e da GEFCO. Constituído por quase duas centenas de imagens e de um texto ligeiro e de fácil digestão (em edição bilíngue português/ francês), o livro, que é uma “verdadeira peça de colecionador”, é fruto de uma entrevista longa com o dirigente de futebol do século XX, bem como de alguma documentação impressa de época retirada de momentos específicos, que servem, na totalidade do livro, para atestar e confirmar a veracidade das palavras narradas. Realizada no Country Clube da Gávea, a tradicional festa de lançamento do livro contou com a presença de inúmeros dirigentes de futebol, políticos e membros das elites em geral, entre eles: o governador Sérgio Cabral, a vereadora Patrícia Amorim, o presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) Ricardo Teixeira, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro Carlos Arthur Nuzman. Diante de tanto alvoroço em sua *honra*, Havelange não pode se conter, e chorou as *lágrimas de saudade*: “Confesso que este livro me levou às lágrimas, me sensibilizou muito pela forma como foi feito e está sendo lançado. Estou muito satisfeito por esta obra”¹ A satisfação “pela forma como foi feito” e as lágrimas de saudade são um indício de uma identificação *quase absoluta* entre a imagem que Havelange tem sobre si e o conteúdo veiculado na obra². Tanto assim quando do lançamento do livro, os “organizadores” das fotos e construtores da narrativa não aparecem nas reportagens de jornal, e os autógrafos eram distribuídos pelo punho de João, à sombra de Carlos Alberto Nuzman.

Embora a análise aqui operada tome por base um livro escrito em todos os seus aspectos (orelha, capa, prefácio), é importante lembrar que o texto traz a marca da oralidade no seu conteúdo propriamente dito. Trata-se de um texto oral que é transposto ao papel, num sentido muito similar, aos analisados por Carlo Ginzburg (1989) sobre feitiçaria no século XVI, em que o discurso e a oralidade apareciam travestidos sob a

forma do texto escrito. Não há dúvida de que podemos falar de uma *estrutura dialógica* – relação de tensão e de aliança entre o jornalista e o dirigente – que marca e determina o movimento do livro. Outrossim, conquanto mais completo e rico em detalhes, o conteúdo narrativo do livro difere muito pouco de outras entrevistas de João Havelange que parece sempre repetir as mesmas histórias, pois sua identidade está alicerçada em um sólido rochedo.

No *livro de memórias*, toda a *ilusão biográfica* (BOURDIEU, 1996) de uma vida predestinada à grandeza e ao sucesso, destinada à glória pelas características do berço, componente de uma essência social expressa pelo *nome* aparece em seu *estado bruto*. Num primeiro momento, a *fabricação da imortalidade* de João Havelange pode ser relacionada ao chamado *boom* memorialístico ocorrido nas últimas décadas do século XX.³ A vertigem e a aceleração do tempo na última etapa da modernidade, a corrosão das grandes narrativas e o esfacelamento das hierarquias aristocráticas em direção a uma progressiva individualização fizeram com que diversos segmentos da sociedade civil organizassem suas memórias grupais nos sítios da memória. Dessa forma, a estratégia adotada pelo Comitê Olímpico Brasileiro e por seus representantes, neste caso, é a celebração do indivíduo miraculoso como representante do grupo representado: os dirigentes esportivos. No presente caso, as elites políticas, os usos políticos do passado sempre se fizeram importantes, pois:

As elites sempre erigiram lugares para preservar a sua memória, tanto coletivamente em espaços e manifestações consagrados a determinados grupos, como individualmente, situação na qual o foco é colocado sobre uma trajetória pessoal. (...) Se, nos últimos anos, seria legítimo afirmar que grupos de elite tradicionais tiveram que ceder espaço a novos sujeitos políticos no que diz respeito aos lugares e às políticas de memória, nada nos autoriza a pensar que elas foram excluídas do movimento geral de valorização do passado e de ‘ardente obrigação’ do patrimônio, com suas exigências de conservação, de reabilitação, e de comemoração. Nesse sentido, ainda que a disputa por recursos e reconhecimento social possa ter recrudescido, em um contexto de proliferação de discursos memoriais, espaços voltados para a preservação da memória das elites continuam a ser criados, beneficiando-se, junto a outros segmentos, do discurso generalizado de “culto” à memória (HEYMANN, 2011:78).

Por outro lado, deve-se destacar que o fato desta biografia vir à luz no momento em que as denúncias de corrupção contra dirigentes de futebol e esportivos em geral atingem níveis nunca dantes vistos, parecendo se multiplicar por milhar, não é casuístico. Contra Havelange, a verdade é que as denúncias sempre existiram, mas a intensidade dos ataques recentemente desferidos fez criar situações de embaraço ao dirigente de futebol, como seu pedido de afastamento do Comitê Olímpico Internacional, o COI⁴, do qual fora membro por mais de década. Diante da “onda de denúncias de corrupção ao antigo presidente da FIFA”⁵, o jornalista Juca Kfourri, crítico de longa data de Havelange, parece fazer menção direta à biografia organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro, argumentando: “Será engraçado reler as laudatórias biografias feitas sobre a vida do chefe dos chefes, paradigma dos Teixeiras e Nuzmans espalhados pelo país, assim como rever as bajulatórias entrevistas feitas com ele.”⁶ Nesse sentido, críticos mais ferrenhos, como Andrew Jennings e David Yallop, tentam reescrever sua biografia, denunciando a falácia das suas conquistas e a forma e a maneira ilícita de gerenciar recursos pela qual atuou em mais de décadas à frente da FIFA. Para o bem ou para o mal, o cômico é que, em ambos os casos, a biografia de Havelange é o *paradigma*, o exemplo modular acerca de como se deve (ou não) agir. É quase como se – talvez forçando a analogia – estivéssemos diante de duas modalidades paradigmáticas da escrita biográfica. Num primeiro momento, no livro elaborado pelo COB, estaríamos diante da análise dos tipos-ideais de Plutarco em que a biografia se configura como “modelo de virtude, reforçado pela sequencia de provações.” Noutro modelo, a pena dos críticos remeteria à velha “arte de Suetônio”, como sendo o “inverso do elogio” em um “verdadeiro empreendimento de desmistificação”, quando “uma vida” outrora fabulosa se torna uma *fábula*. (LEVILLAIN, 1996)

No laboratório da história, a memória vai tecendo seus experimentos, forjando suas comparações, elaborando seus esquemas numa disputa simbólica acerca de quem deterá o *monopólio da representação* de Havelange no cenário do campo esportivo nacional. Para boa parte dos dirigentes esportivos, muito questionados por diversos setores da sociedade civil, torna-se absolutamente fundamental, para sua própria reprodução e afirmação no cenário político nacional, a representação da vida de Havelange como símbolo bem sucedido de um grupo político muito específico. Assim, o lançamento do livro num contexto turbulento pode ser encarado quase que como uma *resposta* da memória oficial, marco zero de um *trabalho de enquadramento* (POLLAK, 1989), a essas memórias acusatórias. Porque é que podemos compreender porque o livro termina por se constituir como uma espécie de *lugar da memória*⁷ do *Comitê Olímpico Brasileiro*, em que os dirigentes esportivos constroem uma unidade coletiva, na formação dum grupo relativamente *coesos*. Se a assertiva de Maurice Halbwachs (1990) estiver correta, e existirem tantas memórias quanto grupos sociais, o fato é que a dos dirigentes esportivos enquanto grupo relativamente coeso organiza seu eixo em torno da *figura icônica* de João Havelange. É, por isso, preciso ter em mente o fato de que o Brasil sediará nos próximos anos os dois eventos esportivos mais importantes a nível planetário: a Copa do Mundo, em 2014, e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016. Na visão deste grupo de dirigentes, estes eventos representariam a *consagração simbólica* dessa elite política do esporte, elaborando a partir disso um discurso que a toma como a única responsável pelas conquistas da nação e do desporto brasileiro. Dessa forma, Havelange, por exemplo, imagina que os Jogos Olímpicos de 2016 serão “o prêmio para comemorar meu centenário pelo trabalho destes anos todos” No *Prefácio* ao livro, Carlos Arthur Nuzman referencia tal opinião, afirmando que o

livro é igualmente dádiva aos serviços prestados pelo “exemplo de vida” de Havelange⁸:

João Havelange é um *exemplo* de vida, dentro e fora do esporte e uma das pessoas mais importantes da história do esporte mundial. (...) Ao longo da minha vida pessoal e esportiva venho tendo o privilégio de privar da amizade e do convívio de João Havelange (...) Sua conduta inspirou-me em diversos momentos de minha carreira e a ele dedico especial agradecimento por seu empenho para trazer ao Brasil a maior conquista esportiva da história do país, os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. A intensa dedicação de Havelange contagiou a todos e foi fundamental para alcançarmos nossos objetivos. Como ele mesmo declarou, os Jogos de 2016 serão um *presente* para comemorar seu centenário. O esporte brasileiro será eternamente agradecido a João Havelange a quem considero um grande amigo e valiosíssimo companheiro (NUZMAN, 2011:10).

Sendo simultaneamente uma *dádiva* para Havelange e representando o *lugar de memória* para a comunidade dirigente, o texto congratula ilusoriamente a persona do outrora presidente da FIFA celebrando, na realidade, todos os dirigentes brasileiros bem como a própria instituição do Comitê Olímpico Brasileiro, capaz, por esforços próprios e méritos individuais, de fazer com que o Brasil sediasse as Olimpíadas. Quando eu entrevistei um antigo presidente do Flamengo, ele me declarou logo após desligar o gravador que eu *deveria* entrevistar João Havelange, porque ele é “o maior de todos nós”. Sem dúvida, defender a existência de uma comunidade dos dirigentes esportivos *una* é atitude ficcional, porque esta é eivada de conflitos, disputa das chances de prestígio, permeada por intrigas, para não dizer fofocas. Ainda assim, há unidade quanto à visão de mundo desse setor, centrada em torno de uma *concepção de política* que privilegia os atores individuais excepcionais como os agentes *por excelência* das transformações históricas. Este artigo, que pretende explorar o livro como um lugar de memória, intenta extrair dele *as representações ideais da política* tal como pensada e construída pela narrativa. Aqui, nos termos de Portelli (1989), a trajetória e a biografia de Havelange são trabalhadas como um caso representativo, embora sua trajetória vitoriosa esteja longe de ser típica. Dessa forma, acreditamos, por conseguinte, que

estudar o seu caso nos permite estabelecer pontes e deduzir hipóteses sobre o caso dos demais dirigentes.

Amigo dos amigos

Num ensinamento fecundo, o sociólogo alemão Norbert Elias nos explica que a *sociologia da realeza* não deve partir do *rei*, mas sim das *relações* entre ele e os grupos de nobres que o primeiro mantém sobre o seu *domínio*. Revirando-se contra a ilusão do *poder absoluto* da realeza, Elias argumentaria que, na realidade, o rei é *prisioneiro* de um complexo jogo simbólico e ritual, misturado às regras complexas da *etiqueta* e das *chances de prestígio* à sua volta. Numa fórmula complexa e aparentemente paradoxal, há uma relação em razão direta entre a amplitude do poder real e da sua dependência em relação à rede em seu entorno: tanto maior o primeiro, quanto maior for o segundo:

Quanto maior a amplitude de seu poder e quanto maior a dependência direta dos cortesãos em relação a ele, mais pessoas se concentravam em torno do rei. Ele amava, desejava tal concentração que também era uma maneira de glorificar sua existência. No entanto, estaria perdido se não organizasse esta grande concentração de gente. Cada gesto, cada frase, cada passo do rei tinham grande significado para as pessoas que se concentravam em torno dele, na medida em que representavam chances de prestígio; sendo um detentor *do monopólio das chances de prestígio* pelas quais um número incomparavelmente grande de componentes lutava, ele precisava organizar e planejar em detalhe a distribuição de tais chances de prestígio, cuja doação tinha simultaneamente função de prestígio e de dominação. E junto com a organização das chances, precisava manter a sua própria organização, se não quisesse perder o domínio sobre a estrutura da sociedade. (ELIAS, 2001:151)

Sem querer enveredar para análises *a-históricas*, que insistem numa comparação entre a figura imponente de João Havelange e a realeza *per se*, a lição de Elias é importante tão somente na medida em que desloca atenção do indivíduo portador de qualidades magnânimas às redes constituídas por ele. A formulação eliasiana é complexa porque, sem negar a importância do indivíduo, insere-o num determinado contexto configuracional, insistindo nas imbricações das *relações de interdependência* entre o *individual e o social*, entre o indivíduo e as redes que constitui. Dessa forma, a

lição do autor de *O processo civilizador* nos faz deslocar o *ponto de partida* de análise do livro *da capa à orelha coletiva*. Enquanto na capa, temos a imagem serena, sólida e solitária de Havelange com o sempre elegante terno cortado à mão e título sintomático: *João Havelange: o dirigente esportivo do século XX (ver anexo 1)*; é na orelha do livro, por outro lado, é que encontramos a rede de relações, dos amigos queridos lhe prestando as honras inaugurais de abertura da memória. Além do supracitado prefácio de Carlos Arthur Nuzman, e de Joana Havelange, a neta responsável pela contracapa, totalizam oito companheiros de viagem que assinam a orelha. No livro, os oito aparecem seguidos de uma designação, marcando a hierarquia que desempenham no mundo social. Segue-se a lista, da forma como aparecem:

- 1) Antônio Oliveira Santos, Presidente da Confederação Nacional do Comércio; 2) Ernane Galvêas, Ministro da Fazenda durante o governo Figueiredo e ex-presidente do Banco Central; 3) Bernardo Cabral, ex-senador pelo Estado de Amazonas; 4) Antônio Delfim Neto, ex-Ministro do Planejamento e ex-Embaixador brasileiro na França; 5) Marcos Vilaça, Presidente da Academia Brasileira de Letras; 6) André Gustavo Vice-presidente e Secretário Geral do Comitê Olímpico; 7) Françoise Zweifel, Chefe do escritório do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016, Lausanne; 8) Antônio Carlos de Almeida Braga, amigo e superadmirador de João Havelange.

Por um lado, é lógico supor que os que escreveram a orelha possuem vínculos estreitos com a persona de Havelange, conquanto, é importante ressaltar, a natureza destas relações seja relativamente aleatória. Alguns, como Marcos Vilaça, convidaram-lhe para ser padrinho do casamento da filha; Bernardo Amaral, por sua vez, chama atenção o fato de que o senador foi responsável direto, com amplo apoio do dirigente⁹, para alavancar a candidatura de Manaus como sede da Copa do Mundo; já Ernane Galvêas é a representante póstuma do governo Figueiredo, indubitavelmente, o presidente com melhores relações com o dirigente esportivo; André Gustavo Richer outrora presidente do Comitê Olímpico Brasileiro foi eleito com o suporte de Havelange, e assim sucessivamente. Na *orelha*, já se verifica a onipresença complexo

sistema de prestações e de contraprestações, de dádivas e de contra dádivas, trocas contínuas firmadas sob a rubrica do face a face, solidificada por um pacto não escrito, construída a partir das relações de amizade, compadrio ou mesmo parentesco. A própria orelha do livro ingressa como componente deste circuito contínuo de transações, isso porque a própria possibilidade de prestar uma homenagem é, em si mesmo, uma forma de retribuição e de agradecimento, capaz de reforçar o vínculo e estreitar relações.

Da lista, o que mais se destaca é o único cuja profissão na apresentação de Havelange: trata-se do antigo banqueiro Antônio Carlos de Almeida Braga, que é tão somente “amigo e superadmirador de Havelange”. Neste particular, convém recordar que Braga e Havelange são amigos de longa data, isso porque o primeiro ajudou a financiar boa parte da campanha do dirigente para a FIFA. Ademais, o escritório enorme (300 metros quadrados) em que “Havelange ajudava as pessoas” no Rio de Janeiro, plena Avenida Rio Branco, era cedido sob a forma de empréstimo pelo próprio Antônio Carlos em função dessa amizade de longo tempo. Por fim, para provar a estreiteza das relações entre eles, o livro é financiado pela *Bradesco Seguros*, empresa da qual Braga fora o maior acionista durante muito tempo, legando aos filhos as ações para se aposentar e fruir uma vida dividida entre os principais torneios de tênis e o circuito da Fórmula-1. É bastante provável, portanto, que Braga tenha sido o elo intermediário entre o *Bradesco Seguros* e o *Comitê Olímpico Brasileiro*, para a obtenção do financiamento e a execução do livro. De qualquer forma, tal a força da simbólica da amizade que o vocábulo aparece em nada menos do que três dos oitos testemunhos da orelha. A assinatura de Braga na orelha era uma forma de Havelange retribuir os favores de longa data homem que sempre o ajudara, da mesma forma que Braga prestaria os tributos por anos de amizade:

A eleição para a FIFA, na disputa direta com os ingleses. A ampliação das fronteiras do futebol. São inúmeros os momentos do esporte que tem ligação

com João Havelange, este querido amigo que homenageio aqui, reiterando a sorte de partilhar com ele uma longa e sincera amizade. *Sempre pude contar com João de maneira irrestrita e obtive dele provas de generosidade, atenção e carinho.* Junto da figura que administrou com pulso firme a CBD e a FIFA, há um ser humano verdadeiramente corajoso, preocupado com os amigos, verdadeiramente leal. Sinto-me honrado por estar sempre ao lado dele e conviver no dia a dia com esta figura sempre especial. (HAVELANGE, 2011 [orelha do livro]).

A imagem símbolo que esta memória pretende enquadrar é a de que um homem que é, simultaneamente, carinhoso e duro, que tem pulso firme, mas é “verdadeiramente leal”, começa a ser construída na própria orelha do livro, não tanto por ele, mas por “amigos e admiradores”. A despeito da importância no mercado de ações e de sua atuação no Bradesco, Antônio Carlos de Almeida Braga se torna nessa homenagem singela, “amigo e superadmirador do João”. Neste particular, talvez seja o antigo presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, André Gustavo Richer, quem sintetize com maestria a lição basilar do que noutra lugar designei – com Pierre Bourdieu (1980) – a “filosofia política dos dirigentes de futebol”:

Dentre tantas as pessoas que conheci ao longo da minha vida, João Havelange ocupa um lugar de destaque no rol de amigos que fiz por intermédio do esporte. É uma daquelas pessoas especiais, iluminadas, exemplares. Tem um amplo cardápio de virtudes. É, e sempre foi, *amigo dos amigos*. Talvez seja esta a impressão mais forte que tenho de João Havelange: a *amizade*. (HAVELANGE, 2011 [orelha do livro]).

Talvez seja essa mesmo a lição número zero da “filosofia política” dos dirigentes esportivos: *sê amigo*, ou para ser mais específico, *sê amigo dos amigos*. Do amplo cardápio de virtudes do homem excepcional, a amizade é, simultaneamente, a qualidade cardeal e a cardinal. O *tabu* de uma amizade rompida sob o desafio em forma de ofensa ou sob a ingratidão pura e simples é o que se deve evitar a qualquer custo. Simples gestuais podem adquirir amplos significados para as chances de prestígio da *entourage* em torno do dirigente: do aperto de mão (mais ou menos caloroso) ao esquecimento do nome, o dirigente sofre uma constante vigília dos que o cercam, sendo verdadeiro refém do ritual que o cerca. Daí porque o antigo dirigente em escrever,

assinar, e enviar dois milhares de cartões de Natal e sessenta centenas de carta anualmente. O pânico de que o *esquecimento* de um nome quedaria idêntico ao surgimento de um inimigo¹⁰ se transforma em gesto apresentado como obsessivo, fazia o dirigente trabalhar nas incontáveis horas de voo, decorando lugares, nomes, rostos, famílias, etc. A dimensão liquefeita entre a esfera pública da política e as relações privadas da amizade é também característica chave dessa concepção de política, pois a perda do amigo equivaleria à perda do aliado.

Se formos da orelha à contracapa, encontraremos lá a filha do meio de Lúcia Havelange e Ricardo Teixeira, Joana Havelange, em uma prova cabal de como estas aparentes fronteiras entre o público e o privado são fluídas. Para compreendermos isso de forma mais acurada é preciso esboçar um rápido histórico das relações entre Havelange e Teixeira. Como sabemos, o atual presidente da Confederação Brasileira de Futebol iniciou a carreira no meio esportivo como afilhado político e sucessor natural de João Havelange. Na década de 1980, Ricardo Teixeira era um empresário em ascensão ligado ao sistema financeiro e ao mercado de ações quando conheceu Lúcia Havelange, a filha de João. A partir de então, o suporte político garantido por João Havelange fez com que, em 1989, Teixeira fosse eleito pela primeira vez como presidente da entidade máxima do futebol nacional, sem nunca ter participado da administração de um clube ou uma federação. Do ponto de vista de Havelange, a escolha de Teixeira era uma estratégia para recuperar o poder na entidade perdido no distante ano de 1974. Quando assumiu a FIFA, o dirigente passou o cargo da então CBD (Confederação Brasileira de Desportos) para o Almirante Heleno Nunes, no que fora, claramente, o resultado de uma articulação do governo militar. Depois disso, os mandatos consecutivos de Octávio Pinto Guimarães, antigo presidente da Federação do Rio de Janeiro e do Botafogo de Futebol e Regatas, representaram a vitória de grupos de oposição à política de

Havelange, que havia apoiado Rubens Hoffmaneister, em 1983, e Medrado Dias, em 1986. A vitória de Teixeira marcaria então o início de uma hegemonia quase absoluta do grupo de Havelange à frente do esporte nacional, seja no COB, personificado nas figuras de Sylvio de Magalhães Padilha, André Gustavo Richer e Carlos Arthur Nuzman, seja na própria CBF.

A relação entre os dirigentes seria das mais cordiais até quando na virada para o século XXI, a separação entre Ricardo e Lúcia causou alvoroço tanto nos colunistas sociais, quanto nas páginas esportivas. Isso porque a mistura das relações entre público e o privado nesta modalidade de política, em que o parentesco e as amizades assumem importância paradigmática, fez com que a imprensa começasse a especular sobre a organização de um possível grupo contrário a Ricardo Teixeira na CBF, articulado pelo próprio Havelange. O fato concreto é que o dirigente da FIFA se recusou a ir numa homenagem no Copacabana Palace, prestada pelo antigo genro, no que diversos jornais noticiariam como (mais do que um mico) “um verdadeiro gorila para Ricardo Teixeira”. A ruptura tida quase como iminente fora resolvida, nas palavras de Havelange, pela intervenção cirúrgica de Anna Maria, sua esposa, fazendo-o lembrar dos fatos inesquecíveis: “Um dia, minha mulher me disse: Lembre-se que o Ricardo é ‘pai dos teus netos’. Procurei ter isso em mente. Hoje, vejo-o como um homem preparado, aplicado, apto para lidar com o desafio que teremos a organização” (HAVELANGE, 2011:171).

Depois do evento, os laços entre ambos foram reconstituídos, e Havelange, apesar de ter ficado “bastante chateado”, soube reencaminhar bem a situação. A verdade é que, a despeito do discurso do livro, a ruptura era flagrante num *modus operandi* da política em que há uma mistura nebulosa entre o público e o privado. Com Pierre

Bourdieu, dir-se-ia haver um “ethos da honra” oposto aos modelos do liberalismo, em que as regras existem com os parentes não são idênticas às regras com os estranhos:

o ethos da honra opõe-se, no seu próprio princípio, a uma moral universal e formal, afirmando a igualdade em dignidade de todos os homens e, conseqüentemente, a identidade dos direitos e deveres. (...) é o mesmo código que dita comportamentos opostos segundo o campo social: por um lado, as regras que regem as relações entre parentes, e, mais amplamente, todas as relações sociais vividas seguindo os modelos das relações de parentesco (“ajuda os teus eles tenham razão ou não”) e, por outro as regras que valem nas relações com estranhos (BOURDIEU, 2002:33)

O “amigo dos amigos” ajuda os teus quer tenham ou não razão numa forma de política que é vivenciada em relações que se dão, sobretudo, no face a face. Por outro lado, a moral da honra, acima de tudo, o “pai de família” protege os familiares, a esfera da casa, para salvaguardar o nome das impurezas do mundo da rua.

Como instituição, o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço (...), a constância nominal. (...) E é compreensível que, em numerosos universos sociais, os deveres mais sagrados para consigo mesmo tomem a forma de deveres para com o nome próprio. Designador rígido, o nome próprio é a forma por excelência de imposição arbitrária por meio da qual operam os ritos de instituição: a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferentes às particularidades circunstanciais e aos acidentes individuais no fluxo das realidades biológicas e sociais (BOURDIEU, 1996:80).

O nome é uma “essência social”, uma qualidade inata, que marca e impõe a diferença entre nós (“a casa”) e eles (“a rua”). O caráter sacro do nome é tal que todos os netos de Havelange não foram, apesar do costume, batizados com o nome paterno por último, mas sim a filiação maternal no lugar nobre, isto é, em vez de se chamarem “Havelange Teixeira” receberam o batismo como “Teixeira Havelange”. Dos três netos, a do meio Joana Havelange, responsável por assignar a contracapa, é vista como sendo a sucessora lógica de João Havelange.. Ao contrário de Antônio Carlos de Almeida Braga que é tão somente “amigo e superadmirador” de João, que serve para “esconder” o fato de que fora um poderoso empresário, Joana é apresentada sob o nome pomposo de “Diretora Executiva de Planejamento, Apoio a Operações e Marketing do Comitê Geral Organizador da Copa do Mundo de 2014”. Vejamos o que Joana diz:

O legado de João Havelange para o futebol no mundo e para mim é muito maior do que as palavras para descrever meu avô e presidente de honra da FIFA. Pelo carinho e aprendizado no doce convívio entre o avô e a neta, pelo seu exemplo de liderança no futebol, passando pelos conselhos e ensinamentos profissionais que hoje recebo, digo que João Havelange é a maior influência na minha vida. Mas, para você, meu avô, digo simplesmente: você é *tudo* para mim (HAVELANGE, 2011 [contracapa do livro]).

A mistura da designação do avô entre o carinho e a admiração indica que também a família entra, em fórum privilegiado, no circuito de trocas e prestações a que nos havíamos referido. Numa entrevista que concedeu à *Revista Poder* (9/2011), e que versava exatamente sobre o futuro da neta na FIFA, João Havelange, pedindo licença pela “falta de modéstia”, para defini-la da seguinte forma “ela é uma Havelange”. A alquimia simbólica dos ritos de instituição que se manifestam através dos diversos *habitus* é a dissolvência da fronteira entre a natureza e o social, o que é verdadeiramente social, fruto da incorporação contínua, aparece como natural, como característica biológica contida no próprio nome, essa “essência social”. Todo o gestual, o modo de ser, os valores internalizados num longo processo de socialização são reconvertidos como uma “segunda natureza” referentes à propriedade geral do nome: “ela é”. Daí a memória em torno do nome e da família seja capaz de operar como forte demarcador social das hierarquias, como um verdadeiro *ato de instituição simbólica*, e, no limite, da própria *dominação simbólica*. Na narrativa do livro, a incorporação dos valores se localiza na própria infância pelos preciosos ensinamentos da ordem familiar, personificados na figura do pai e da mãe. As qualidades, os valores, os modos de ser são vividos na memória como segunda natureza, qualidades referentes à própria linhagem familiar, uma superioridade social reconvertida pelos experimentos da memória em diferenças de natureza. A infância e a adolescência são os lugares privilegiados para que a memória, buscando preencher o “sentido da existência narrada”, tem a ver que os valores de toda a vida estiveram lá “desde sempre”, presente uma lógica que é “ao

mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (BOURDIEU, 1996: 86-87) a uma vida que, na realidade, é descontínua e fragmentada.

A simbólica da distinção e as formas de socialização

Da primeira frase do livro à última imagem, temos a aquilo que Pierre Bourdieu designaria como a *simbólica* da distinção: a vestimenta e a alimentação. Se não vejamos como se abre o livro, “Uma revista de palavras cruzadas, uma ópera italiana ao fundo e um cardápio que incluía aspargos tenros. A vida pode ser descomplicada para um dos homens mais importantes do seu tempo, com uma atuação que marcou de forma jamais vista os rumos da gestão esportiva no Brasil e no mundo.” (HAVELANGE, 2011:15). Os *aspargos* “macios, leves e deliciosos”, constituem como alimentos requintados por oposição aos da classe trabalhadora, como, por exemplo, a feijoada. A feijoada, “grande e pesada”, de preferência bem servida, naqueles “pratos de pedreiro”, como diz o ditado popular, serve, acima de tudo, para saciar, para alimentar, para abastecer. Por oposição, os aspargos, leves e macios, não têm função imediata, se não o próprio ato de deliciar-se, de se satisfazer, de saborear o alimento como fim que se encerra em si mesmo. Neste particular, a alimentação se solta do signo da necessidade em direção à esfera do desinteresse, do prazer desinteressado em uma vida que (mais do que é) pode ser descomplicada. Por sua vez, o terno exemplar, cortado à mão, perfeitamente simétrico, apanágio das elites políticas masculinas. Além de marcar opostos fundamentais da desigualdade social entre *terno e macacão* de fábrica, a oposição por excelência entre as elites e as classes trabalhadoras, a vestimenta marca a oposição funda a própria lógica do social: o masculino versus o feminino. O uso contínuo do terno recorda a todos de que a direção esportiva não é (ou, pelo menos, não era) lugar para as mulheres; é o lugar em que se manifesta a honra, a virilidade e o trabalho do homem por oposição ao lugar

da feminilidade associada ao espaço da casa e à manutenção (por oposição à manifestação) da honra. No Fluminense, clube do qual Havelange é egresso, era interdito aos sócios masculinos circularem, salvo a prática esportiva, com qualquer outro tipo de vestimenta. Daí que talvez, do terno ao clube, possamos passar da simbólica da distinção à esfera da socialização, isso porque no livro sobrepõem-se os valores adquiridos na sua infância a formação dos valores e dos *modos de comportamento* que carregaria por toda a vida.

Tecida pelos fios da memória, o enredo da narrativa enfatiza a socialização no *clube* esportivo, as preciosas lições do *escotismo* e, sobretudo, a importância do meio familiar como instituições formadoras da moral e dos valores inscritos na *persona* do dirigente esportivo. Dos três, o lugar da *casa*, da família, é aquele que ocupa o lócus fundamental da narrativa, espaço o qual tiraria as lições primordiais que o levariam à grandeza inevitável de uma vida destinada à glória. O pai é constantemente retratado como aquele que fora “o seu maior exemplo”, e de que dele tomava as lições principais acerca de como agir e a forma como tratar as pessoas. Numa estória recorrente, é bastante interessante a forma pela qual Havelange narra o êxito na obtenção do primeiro (e praticamente único) emprego, se equiparando ao próprio pai no final. Após o falecimento do progenitor, Havelange necessitava trabalhar para sobreviver e ajudar a família. Para tanto, recorreria aos antigos contatos do pai, sobretudo, os imigrantes belgas:

No retorno à cidade natal, ele decidiu procurar Jules Verelst, presidente da Companhia Belgo-Mineira, para pedir emprego. Os pais de Havelange tinham sido padrinhos de casamento do empresário e, por essa razão, o jovem João julgou que por intermédio dele poderia conseguir uma oportunidade de trabalho. Estava certo. Mesmo sem uma qualificação específica por mês foi admitido com o salário de 400 mil réis por mês. Começou no balcão, depois, arquivou cartas, fez atendimento ao público e, mais adiante, contato com interessados em ferro e aço. Visitou as jazidas e as usinas de Sabará e Monlevade, onde se fazia a extração e o processamento do minério. Tratou de

se envolver com aquilo, até chegar a chefe de importação e exportação da companhia. (HAVELANGE, 2011:41)

Assim, se o passo inicial fora possibilitado pela rede de contatos familiares, o sucesso estaria restrito quase exclusivamente ao esforço do próprio Havelange, ao trabalho e a dedicação que havia conseguido alcançar na empresa. A narrativa começa a apresentar a ideia do homem que faz a si próprio, construindo seus méritos sob a base de uma ética do trabalho, cultivada desde a socialização familiar. Na narrativa do livro, o êxito de Havelange junto à empresa de exportação fora de tal monta que, quando decidiu sair, o empresário belga tentou, sem sucesso, intervir e evitar a sua saída da empresa:

Foi assim por quatro anos. Até que em 1941, já dando aquela história por encerrada, um decidido rapaz voltou a se reunir com Verelst para informar sua saída da empresa. Sem levar a conversa muito a sério, o amigo do pai de Havelange resolveu oferecer-lhe um cargo melhor, na tentativa de dissuadir o empregado de sua decisão. Mas o esforço foi em vão: ‘Daqui a um mês, conforme manda a lei e depois de cumprir minhas obrigações para a companhia, virei aqui para me despedir do senhor. Até lá, o senhor, por favor, pense em alguém para pôr em meu lugar. (HAVELANGE: 2011, 43)

Embora a narrativa apresente Havelange como respeitador da legislação e da ordem legal do país, o mais interessante é que temos, no fundo, a sobreposição de duas temporalidades. Por um lado, a dimensão do tempo legal (“um mês”) e, por um outro, o tempo da honra (“depois de cumprir minhas obrigações com a companhia”), do pacto não escrito entre Havelange e o empresário. Essas “obrigações com a empresa” são, na realidade, as obrigações morais que Havelange construiu com o dono da empresa, o belga Jules Verlest. Por isso, o *drop out*, mesmo em conforme com as exigências da lei e da honra, é, ainda assim, motivo de lamento e de uma breve crise por parte do empresário belga, que, no final de tudo, se referiu ao antigo funcionário como “teimoso como o pai”:

Ao lembrar o fato, Havelange se ajeita na cadeira e, com olhar cortante, revela que fez questão de dizer ao empresário que ali não havia negociação possível e que ele não era teimoso, muito menos seu pai: o que tínhamos em comum, na verdade, não era a teimosia, mas sim o fato de sermos ambos extremamente determinados em nossas atitudes.

A teimosia transformada em determinação tem a ver com o fenômeno de racionalização de toda a vida social. Havelange quer passar a imagem daquele que calcula e antecipa todos os movimentos, prevê as jogadas dos agentes do campo, porque tem nele incorporado valor social fundamental na sociedade capitalista: uma ética do trabalho e a vontade de vencer, a partir da *racionalização* extrema do mundo social. Ao lado da determinação e o tino comercial – “herança paterna que Havelange trazia no sangue” (HAVELANGE, 2011:52) –, a racionalização de todos os aspectos da vida social seriam as qualidades cardinais que orientariam toda a visão. Neste aspecto o biógrafo associa direta e mecanicamente o futuro dirigente da FIFA à trajetória como nadador. As vitórias de Havelange não eram frutos de uma espécie de “dom” e predestinação divina, mas da intensidade que era resultado de trabalho meticuloso de preparação. No esporte, a maior glória de Havelange – três títulos na famosa travessia de São Paulo a nado – o lugar em que se poderia verificar “o olhar de quem enxerga longe”, “todos os passos eram pensados, pois a verdadeira marca do administrador estava ali, em embrião” (HAVELANGE, 2011:36). Havelange atribuía sua vitória ao fato de que na véspera havia calculado meticulosamente os atalhos do rio Tietê, racionalizando todo o percurso, para obtenção do desempenho perfeito no dia seguinte. A vitória não é tanto atribuída às técnicas corporais do nado, ou ao talento inato para a natação, mas, a partir das artimanhas da ilusão biográfica, à ética da racionalidade pura do administrador que antecipa os movimentos dos adversários, minimizando riscos e cálculos. Depois da terceira travessia de São Paulo, Havelange caiu de tifo, indicio da poluição crescente do Tietê, e a morte lhe parecia quase inevitável. Do latim, a

expressão *memento mori*, mortalidade é especialmente adequada para falar de um acontecimento de uma vida predestinada à imortalidade. Apesar da má notícia dada pelo médico – “de 100 se salva um” – João disse ter se mantido impassível, crente e determinado em sua recuperação, pois tinha fé de que estaria curado graças à *disciplina* com que sempre havia se cuidado.

Se o pai fora o responsável por legar a determinação, os valores do trabalho, como característica como propriedades da natureza, do sangue e da linhagem; a mãe é a responsável pelo afeto e pela valoração das relações pessoais, sobre como e de que forma as pessoas poderiam ser cultivadas cotidianamente, se tratadas com o respeito e o afeto necessários. No início do século XX, o Rio de Janeiro se modernizava, ainda que guardasse no seio da urbanidade um quê de ruralismo, com as famílias de posse vivendo nas mansões enormes do Engenho Novo e de Botafogo, com incontáveis serviçais e um sem número de agregados. A família de Havelange não era diferente, o menino João passou a maior parte da juventude em um espaçoso sobrado do Cosme Velho, com vários empregados e serviçais a disposição, prontos a ajudarem com as tarefas da casa. A harmonia evocada pela imagem do paternalismo – ainda uma marca profunda da escravidão – quer fazer crer que o espaço privado da casa era pleno de tranquilidade e paz, em que as hierarquias, se não dissipam integralmente, se estabilizam de forma assimétrica. A advertência contínua da mãe era lição de como tratar as pessoas, com o respeito a todo mundo como qualidade da própria sociabilização de Havelange.

Eu, desde pequenininho, quando morava já no Cosme Velho, devia ter quatro ou cinco anos, quando me levantava, a minha mãe, impreterivelmente, me perguntava: ‘Já deste um beijo na empregada?’ Se não destes, vai lá dar bom dia. E eu ia, pode ser branco, preta ou azul, o que fosse (HAVELANGE, 2011: 35).

A imagem da infância do ato contínuo de respeito para com os empregados é relacionada, na tessitura do livro, à vitória bem sucedida na FIFA. No berço, a imagem de que o Brasil seria uma sociedade híbrida, multirracial, miscigenada, é uma ideia que

será vista *a posteriori* como uma das razões do seu sucesso na ascensão à FIFA. Depois de ter sido bem sucedido nas eleições, Havelange ofereceu uma festa, em que ele e a sua mulher, Anna Maria, cumprimentaram um a um os delegados de todas as nações do mundo, fosse “branco, amarelo, preto azul”. Nas relações internacionais, os diplomatas costumam evocar esta categoria como uma das faces do sucesso e da posição privilegiada que o Brasil, como nação independente, tem no hall das nações internacionais. Deste ponto de vista, Havelange e seus pares tinham maior facilidade de trânsito entre os países de culturas e raças diversas: a sociedade luso-brasileira seria de *coração aberto*, enquanto a da Inglaterra seria *rígida*:

o senhor volta à quase meio século, a Inglaterra era rígida, e nós sempre fomos de *coração aberto* e o senhor, naturalmente, o Stanley Rous que presidiu a FIFA, dirigia com o *sentimento inglês*, que é diferente do meu. O meu, eu tinha um *respeito* a todos os presidentes que vinham. Eu vou lhe dar um exemplo que eu não acredito que ninguém fez, ou faria, ou vai fazer. Quando eu fui depois de eleito, em 1974, um ano depois, teve o congresso, eu dei um *banquete*, toda a África, toda a Ásia. Minha senhora foi comigo, estava presente eu a convidei, e cada pessoa que entrasse, fosse preto, branco, amarelo, preto ou o que fosse, ela dava um beijo no presidente, um beijo na moça, eu dava um beijo na moça e um beijo no presidente, e em todo mundo. Quem é que faz isso? Este é o sentimento que nós temos, este é o respeito que nós temos. E isso sensibilizou a todo mundo e eu lhe digo de coração, se quisesse ficar mais vinte anos, teria ficado. Mas a idade chegou e o que a gente tem que fazer é voltar para casa. E foi o que eu fiz. *O respeito a todo mundo*” (Entrevista de João Havelange concedida a Luiz Guilherme Burlamqui Soares Porto Rocha – Setembro de 2011).

A despeito disso, o futebol, particularmente, as questões raciais estavam de tal forma latente que o bom zagueiro João fora interdito à prática pelo próprio Faustin Havelange, que obrigou a se concentrar nas piscinas. Na época em que Havelange poderia ter alcançado lugar entre o time profissional do Fluminense, a transição ao profissionalismo fez com que ao futebol fosse estigmatizado como esporte das camadas populares. A lógica do dirigente era diversa da do jogador: se o jogador trabalha para o clube, o dirigente e o sócio servem à instituição: era preciso afastar a prática do esporte da esfera da necessidade e da subsistência e torná-la uma finalidade em si mesma, o *fair play*. O discurso de memória do livro esconde as motivações abertamente racistas para o

interdito à prática do futebol, com uma rápida menção à proibição do pai. O contraste, porém, entre estas duas visões de mundo – o coração aberto do brasileiro– e os portões fechados de futebol profissionais para que não se misturasse com os negros é tão somente aparente. O paternalismo não supõe equidade de direitos, mas uma espécie de mutualismo hierárquico em que patrões e empregados se não convivem em perfeição. Neste lar, a evocação do “respeito a todo mundo” não veio constituído em relações de tipo jocosas, em que o patrão vivia imiscuído aos empregados, mas apontava a necessidade de se colocar as suas coisas nos seus devidos lugares: patrões e empregadas convivem em harmonia, se cada um sabe muito bem qual é o seu lugar. O escritório de Havelange – com o terno do chefe contrastando com a roupa de empregada da empregada – tem que ver com um *mundo naturalmente desigual*, em que todos ocupam o seu lugar, embora o lugar de Havelange deva ser o maior de todos: o do líder, acima de tudo, *o generoso*.

Havelange, a sociologia do generoso¹¹:

A *política da honra* pode ser resumida através da imagética do coração, pois, como nenhuma outra, esta define o nódulo central da *concepção de política* e do discurso de memória que atravessa a peça de colecionador. Se ela apareceu inicialmente como a característica marcante do Brasil, à diferença do resto do mundo; ela irá reaparecer tantas vezes associada à generosidade e à doação. Numa frase dita no filme por ocasião do filme da vida do Eurico Miranda, *A locomotiva: uma vida para o Vasco*, Havelange o congratulou por ter sido suficientemente generoso para construir uma escola, ainda que não houvesse necessidade legal havia uma moralidade das obrigações, que o impelia a ensinar a juventude vascaína:

Eu não sabia de mais esta qualidade do Eurico, de olhar para uma infância. Isso é muito importante, diz do seu sentimento, diz do seu *coração*, diz da

sua vontade de servir. De *doar*, de fazer. Se ele está realizando isso, só temos que aplaudi-lo. Temos que nos unir a ele. Partir do princípio que ele estabeleceu e fazer o mesmo em outros lugares, não é verdade? (HAVELANGE, 2011).¹²

Entre o despotismo da emoção e o absolutismo da razão, está a imagem do líder carismático que é simultaneamente clarividente e generoso, que, sem dúvida, atua com frieza e é calculista, mas que não deixa de ser caloroso com os amigos e generoso com aqueles à sua volta. A imagem do coração remete à ideia do homem cordial, o “legado brasileiro para o mundo”, em que política que é vivida e compreendida sob a efígie ato de doação e sacrifício do governante para com os seus seguidores e admiradores. No livro esta modalidade de política se deixa ver por meio das historietas construídas pelo biógrafo a partir da memória de Havelange. O lugar da dádiva, da filantropia e do coração se torna absolutamente revelador quando surge – em meio a políticos da alta cúpula do mundo, o papa e Nelson Mandela – a figura aparentemente inusitada de Castor de Andrade, famoso contraventor carioca, ligado ao jogo do bicho, presidente de honra da Mocidade de Padre Miguel e dirigente do Bangu, em que se verifica a importância das trocas e da construção das relações pessoais. Numa ocasião, Havelange precisa de uma soma alta em dinheiro vivo para doação de um hospital com problemas financeiros, sem saber aonde retirar, telefonaria para seu companheiro Castor de Andrade:

Havelange sempre foi conhecido por ser muito *amigo dos amigos*, leal, cordial. Se a marca da autoridade e do jeito austero gravou muitas de suas iniciativas à frente do esporte, a da filantropia firmaram uma legião de admiradores e seguidores. E, ao longo do tempo, isso se fez refletir em *gestos simples*, como cumprimentos afetuosos, e em atitudes de maior alcance, expressadas em *doações* de recurso, como a que foi certa vez garantida à Pró-Matre, maternidade do Rio de Janeiro, com a ajuda de Castor de Andrade, ou as muitas outras que foram asseguradas pela FIFA. ‘O futebol precisa se ocupar disso também’, afirma. ‘Ainda estava na CBD quando recebi um telefonema de um dos diretores da Pró-Matre. ‘João, vamos ter que interromper o atendimento porque não temos mais recurso para trabalhar. Você poderia nos ajudar?’. Naquele momento, eu não tinha de onde tirar recursos, mas respondi: ‘Quero que tu me dê um momento, vou ver o que posso fazer.’ Telefonei para o Castor e perguntei: ‘Tu me farias uma

gentileza, tu poderia dar um dinheiro para a Pró-Matre?’ Expliquei que era uma emergência e ele me falou: ‘Espera que vou ver como resolvo isso’. Desliguei e, duas horas depois, me chamaram do hospital: ‘João, chegaram aqui dois homens com uma encomenda. Perguntei se precisavam de recibo, mas disseram que não, que a ordem era apenas deixar o pacote que estava sendo enviado em seu nome’. Ali havia um bom dinheiro e a situação foi temporariamente resolvida’ (HAVELANGE, 2011: 86).

No que foi motivo de incredulidade para as rodas da alta sociedade, em retribuição ao antigo favor de Castor de Andrade, Havelange foi visitar o contraventor na prisão:

Sem qualquer ponta de constrangimento, ele se recorda do dia em que foi visitar Castor na prisão, no período em que se combateu fortemente a contravenção no Rio de Janeiro: ‘Fui levar meu apoio. Era um bom homem. O fato de ser do bicho era um detalhe. O brasileiro é afetuoso e respeitador das opções alheias, sejam elas políticas, religiosas ou de qualquer natureza’ (HAVELANGE, 2011:87)

A questão é que neste sistema englobante de uma política da honra as relações pessoais se tornam as mais relevantes, ao passo que a atuação na esfera pública se secundariza e passa se transforma no “mero detalhe”. O que importam são os laços de afeto e vínculo estritamente pessoalizados, a aliança solidificada a partir de uma ampla rede de trocas e de transações. Nesta história, o próprio dinheiro tem apenas sentido e utilidade se articulado à toda uma moralidade: é tão somente um meio de solidificar relações pessoais e de amizade, catalisador e forjador dos vínculo. A própria acumulação de capital seria, em diversos pontos de vista, contrária à lógica redistributiva da honra que supõe, por outro lado, a contínua distribuição, circulação e transações de presentes, tanto assim que Havelange faz questão de negar incessantemente que acumulou fortuna ao longo do tempo.

No trato direto com os políticos no sentido estrito, há uma espécie de história que, nas diversas memórias e entrevistas de Havelange, se repete de forma cíclica, assumindo a *estrutura simbólica do mito*, pouco importando o espaço, os personagens, o tempo ou mesmo o lugar em que ela é narrada: de forma quase idêntica, usando, em

diversas ocasiões, argumentos iguais, Havelange aparece como *mediador* dos conflitos entre a direita e a esquerda (ou vice-versa): Lacerda/ Jango, Brizola/Figueiredo, exilados políticos/ ditadores do Cone Sul e tantos outros mais. Por um lado, as histórias nos dão a ideia do que seria, segundo Pierre Bourdieu, a “superfície social”¹³ de Havelange— isto é, os limites e as possibilidades por meio da qual atua e a facilidade com que transita entre a diversidade de campos. Neste sentido, a superfície social de Havelange é bastante extensa, entre os diversos campos da vida social incluiu, por meio do esporte, desde banqueiros e empresários poderosos como Antônio Carlos Almeida Braga até políticos de toda a estirpe e de todas as regiões. O poder de fazer entrar em contatos diversos era, de fato, bastante elevado, e o trânsito entre os setores da alta sociedade ocorria de forma muito tranquila.

Por outro lado, as historietas que se acumulam são verdadeiros indicativos da forma através da qual se imagina e se pensa a política, não tanto fundada nas oposições tradicionais de cunho ideológico (direita e esquerda), etc., mas fundada nas relações pessoais e de amizade. Tanto assim que o comentário de Havelange, depois de contar (ou mesmo escutar como já presenciei) os relatos, é quase sempre símile, pois, ao mesmo tempo em que afirma sua inabilidade em fazer política (“não entro em questões políticas”), ressalta todas as coisas que são possíveis de serem feitas sem se misturar com questões estatais e do governo. Segundo Daniele Voldman (1996: 39-41), um dos papéis do uso dos depoimentos orais, quando se lida com autoridades, é a própria possibilidade de verificar de que forma os dirigentes atribuem a si papel bastante relevante na dinâmica da política, papel que é, na maior parte das vezes, hiperdimensionado, sendo, contudo, um indicativo sobre a natureza do *modus faciendi* dos bastidores da política à luz dos partícipes dos eventos.

No caso do livro de memórias, o conflito escolhido se deu entre Leonel Brizola e João Figueiredo. Na década de 1980, é preciso dizer que o dirigente esportivo era “amigo” dos dois, encontrando-se no auge de sua popularidade no Brasil e no exterior. As relações entre Figueiredo e Havelange foram muito estreitas: o último presidente militar concedeu-lhe um passaporte diplomático bem como foi o mediador direto pela concessão do terreno em Xerém para o seu clube Fluminense; como contraprestação Havelange fez com que Figueiredo fosse eleito “Presidente de honra” – cargo que era seu – do Fluminense. Muito provavelmente em posse dessas informações, o governador Brizola chamou Havelange em pessoa para auxiliá-lo para a viabilização de um empréstimo:

Nas raras ocasiões em que estava no Rio, tinha uma agenda atribulada. No final de 1983, pouco depois de chegar de viagem, foi chamado ao Palácio das Laranjeiras, pelo então governador Leonel Brizola. “Nos já nos conhecíamos da época do governo João Goulart, ele era um líder inflamado e foi um dos mais duros combatentes do regime militar. Pedi que me adiantasse o assunto, mas foi em vão. Combinei de encontrá-lo no dia seguinte cedo. Cheguei no horário marcado e depois de esperá-lo por mais de uma hora, um assessor veio me avisar que não chegaria. Ele me esperava em casa. Um pouco mal humorado, devo confessar, me desloquei de Laranjeiras para Copacabana. Quando cheguei, mais espera. Brizola veio me ver quase na hora do almoço e eu tinha alguma intimidade para reclamar: Continuas o mesmo, não te emendas, tanta coisa para fazer e tu me fazes esperar horas” (HAVELANGE, 2011: 99).

Nesta narrativa, Havelange espera, apesar da agenda atribulada, atenciosamente ao amigo que lhe fizera um pedido. Enquanto o dirigente de futebol transita de um lado para o outro, demonstrando sua **generosidade** para com o pedido do amigo, o governador não se locomove, parado na sua casa em Copacabana. Depois de protelar, Brizola confirma ao que veio, pedindo que interviesse junto ao presidente da República para a viabilização da Linha Vermelha:

O presidente era meu amigo, eu realmente tinha condições de ajudar. Foi o que eu fiz. Brizola me entregou a papelada do projeto, pedi uma audiência e voei para Brasília me encontrar com ele. Fui muito bem recebido, mas o presidente não gostou nada de saber o motivo de minha visita. Aos poucos, fui convencendo-o da importância do projeto. ‘Quando deixares a presidência vais poder ir e voltar do sitio de Nogueira com muito mais facilidade. Esse projeto pode ser valioso para o Rio. Ele ainda estava irritado com o assunto,

mas mesmo assim mandou convocar o Ministro Andreazza, a quem chamava de italiano. A Linha Vermelha saiu realmente do papel e foi inaugurada pelo próprio Brizola”, recorda Havelange (HAVELANGE, 2011: 100).

Tudo é feito e construído como se a dinâmica da política fosse o mero constructo dialogo entre indivíduos, o gerenciamento das relações de amizade em que o argumento da racionalidade superaria as supostas desavenças ideológicas reconvertidas no caminho da sabedoria. A **clarividência** de João Havelange que consegue enxergar para além da simples oposição direita e esquerda, entre governo central e governo local, assume lugar central no discurso, pois com um argumento relativamente simples e sólido que apela aos afetos e aos sentimentos pessoais o dirigente faz com que o que era ofensivo se torna plausível e mesmo desejável. A clarividência associada à generosidade pode ser encontrada em diversos momentos durante a presidência da FIFA. Num dos casos mais tortuosos e polêmicos do seu mandato – a incorporação da China à entidade máxima do futebol e as rugas envolvendo sentimentos ressentidos de Taiwan – Havelange ameaçou se retirar duma sala em Beijing porque “só falavam de política”. A querela da inclusão da China havia sido uma das plataformas mais ousadas da sua candidatura, o que lhe garantiu o apoio do bloco soviético como um todo. Apesar das ameaças do governo militar brasileiro, Havelange manteve-se fiel à sua honra “quando empenho minha palavra, não posso falhar”. Neste sentido, a habilidade política para costurar o ingresso da China comunista e a manutenção de Taiwan foi resolvida mais uma vez graças à clarividência do líder.

Tudo foi conduzido para que houvesse a China Football Association, para a China, e a Chinese Football Association, para Taiwan, que não poderia usar nem a bandeira, muito menos o hino da China Imperial, tendo que substituí-los pelos da FIFA. A China concordou primeiro. ‘Quando cheguei, disse Havelange, eles só falavam de política. Então pedi o telefone, falei que ia chamar o embaixador pois aquilo não me dizia respeito e ia me retirar. No final, porém, tudo se acertou.’ (...) “Mas na Taiwan de Chiang Kai-shek, no momento de acertar tudo, o filho do dirigente militar, me disse: ‘Não aceito porque somos a China. Peço desculpas, mas não há acordo possível. Olhando firmes nos olhos do general Chiang, argumentei: O senhor me perdoe, mas China é o todo, é o continente. Eu poderia lhe apresentar um último argumento?’ Peguei minha maleta de mão. Eu tinha comprado um produto

que trazia uma etiqueta onde se lia: 'made in Taiwan'? Mostrei a ele e perguntei: 'Por que vocês não põem 'Made in China'? É isso que define a origem do produto. O senhor sabe que seus produtos são reconhecidos porque trazem o nome de seu país, por isso a inscrição. Isto é mérito do seu país'. (HAVELANGE, 2011: 202)

A mesma estrutura narrativa pode ser encontrada numa história idêntica referente a um pedido de empréstimo por Lacerda para o presidente Goulart, constantemente negado. No caso, os papéis se inverteram isso porque, dessa vez, o governo regional era de direita, enquanto o nacional, de esquerda. Também os episódios relacionados aos ditadores militares do Cone Sul e os diversos pedidos (sobretudo no caso de brasileiros presos na Argentina) de ajuda de pais desesperados sem notícias dos filhos no exterior compõem a mesma estrutura de intervenção. É sabido que as relações facilitadas pela escolha da Argentina como sede da Copa de 1978 fez o telefone do General Videla tocar algumas vezes com Havelange do outro lado da linha. De todos os casos, o mais famoso é o do filho de Glorinha Paranaguá, liberto, segundo relato da própria estilista, "solto pelas mãos de Havelange". No final das histórias, Havelange terminava por individualizá-las, separando-as da sua dimensão propriamente política no sentido estrito do termo, com a frase característica: "Não entro e não me meto em política"¹⁴. Na verdade, havia uma concepção de política de fundo, mas era uma forma de imaginar a política como simples constituição de diversos laços e relações pessoais, fundadas em relações face a face, muito distante do universo das disputas ideológicas e das questões partidárias. A memória tende a naturalizar esta forma de política como sendo a única possível e mesmo a mais desejável, o esforço individual e as relações pessoais, misturados à generosidade e à clarividência, deveriam substituir as disputas ideológicas e os possíveis conflitos de classe e de grupo rumo a um mundo coeso em que todos exercem papel e função legitimamente, sabiamente e racionalmente.

Epílogo

De forma geral, o objetivo deste artigo foi bastante modesto, pois ele basicamente se restringiu a análise de um livro de memórias organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro. A lastimar, devido à insuficiência teórica do autor e à falta de espaço neste trabalho, uma análise do discurso fotográfico contido no livro, uma vez que as fotografias gloriosas ocupam quase a metade do número de páginas do livro. Ainda assim, o olhar leigo supõe haver a convergência quase completa entre o discurso escrito e o discurso imagético. Em ambos, o que está em jogo é a celebração do indivíduo miraculoso que, em vários momentos, se confunde com a celebração do próprio país, conquanto a feição nórdica e a estatura elevada de Havelange nos façam sentir aquela velha sensação de estranhamento. O título da seção final do livro ressalta, uma vez mais, esta convergência: “O país do futuro com a Copa e os Jogos Olímpicos, 1995-2010”. Ícone do grupo, Havelange é visto como símbolo da modernização, o dirigente que conseguiu transformar o futebol em um negócio verdadeiramente global e bilionário. Uma vez mais, o esforço político de Havelange para conseguir votos para a candidatura do Rio de Janeiro é igualmente louvável.

Havelange acompanhou todas as etapas de perto e saiu a campo para defender o Rio. Cabo eleitoral de peso tornou-se uma referência dentro do Comitê Olímpico de Candidatura ao Rio 2016, fazendo valer mais uma vez sua matemática dos votos (...) Foi um momento inesquecível, uma conquista especial, que permitirá ao país dar um salto em todos os sentidos. Os jogos vão mudar o país. Sem se deixar impressionar por caprichos ou por qualquer limite eu possa ser imposto pelo tempo, firma o olhar, desafia e garante que vai viver para ver. (HAVELANGE, 2011: 202)

Às vésperas da escolha da cidade-sede, o discurso emocionado de Havelange apelava uma vez mais às razões de afeto: 2016 seria o ano de seu centenário e as Olimpíadas celebrariam o novo Brasil e o velho Havelange, com a promessa de um banquete a todos os presentes. Neste momento – tanto a feitura do livro quanto os Jogos Olímpicos – tornam-se *presentes e dádivas* em contraprestação ao sacrifício daquele

que fazendo tudo pelo país, se converteu no maior dos dirigentes esportivos do século XX. A partir de diversos dados coligidos, pode-se afirmar que a visão de política de Havelange cujo epicentro da ação e da política se desenrola a partir das relações individuais é compartilhada pelo conjunto dos dirigentes esportivos. No *trabalho de enquadramento da memória*, esta simbólica tende a se naturalizar, enquanto que o grupo de dirigentes começa a se perceber como naturalmente distinto dos demais atores sociais, naturalizando suas funções sociais como discurso de justificação e legitimação social para a própria atuação deste grupo.

A escolha de Havelange como ícone do grupo é tanto mais compreensível uma vez que o que sempre se ressalta é o seu sucesso junto à modernização da FIFA. Cada vez mais, dirigentes como Carlos Alberto Nuzman, André Gustavo Richer, etc. passam a defender a ideia de que o esporte deve ser visto e compreensível quase que exclusivamente como negócio: o ícone Havelange fora o primeiro a perceber que o futebol era bastante lucrativo, triplicando as receitas da FIFA, e os demais dirigentes deveriam – e já o fazem – mirar na mesma direção. Dessa forma, a celebração de Havelange e a construção deste lugar de memória representado por este *coffeetable book* é a defesa, mais ou menos explícita, de um novo modo de gerenciar o esporte, que obteve bastante êxito. Numa síntese, há um modo de política que é uma espécie de mistura entre as melhores virtudes da essência do brasileiro – o homem cordial – e a racionalização das ações na direção do profissionalismo crescente. A *fabulosa* trajetória de Havelange mostra como este modo de gerenciamento do esporte fez com que o Brasil fosse celebrado na figura de uma liderança reconhecidamente vitoriosa. Uma vez mais, os dirigentes do Comitê Olímpico Brasileiro querem se espelhar nos ensinamentos do líder para fazer progredir os interesses da nação enquanto se celebram as conquistas dos dirigentes. Ao mesmo tempo, a construção da memória é uma espécie de resposta à

quantidade enorme de críticas, a que os dirigentes sofrem, justamente quando, do outro lado, tende-se a se transformar a vida e o discurso de Havelange em nada além de uma fábula. No coração de Havelange estamos no coração do que o sociólogo Michael Pollak definiu como “os mecanismos impositivos e coercitivos da memória” que consistem na exatamente “atribuição o real ao que é descontínuo e aleatório”, e cujo objetivo limite é a naturalização de uma visão de mundo.

Referências

Fontes primárias:

Revista Poder, n.43. Setembro/ 2011. Disponível online: <http://revistapoder.uol.com.br/>

Sites:

<http://blogdojuca.uol.com.br/2011/06/o-triste-fim-de-jh/>

<http://www1.uol.com.br/esporte/ultimas/fut110199114.htm>

<http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI4961814-EI1832,00>

[Havelange+lanca+biografia+e+diz+que+foi+as+lagrimas+com+lembrancas.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI4961814-EI1832,00)

[http://www.futebolmt.com.br/noticia/futebol/copa-2014-joao-havelange-reafirma-que-impos-cuiaba-e-manauas,](http://www.futebolmt.com.br/noticia/futebol/copa-2014-joao-havelange-reafirma-que-impos-cuiaba-e-manauas)

[http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/sob-suspeita-joao-havelange-renuncia-ao-cargo-no-coi.](http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/sob-suspeita-joao-havelange-renuncia-ao-cargo-no-coi)

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/06/15/havelange-evita-se-manifestar-e-considera-denuncia-de-corrupcao-absurda-diz-jornal.htm>

Fontes:

A locomotiva: a vida de Eurico Miranda. Documentário Nilson Alencar. 90 minutos.

Livros

João Havelange: o dirigente esportivo do século XX. Organização do Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro, Editora Casa da Palavra, 2011.

RODRIGUES, Ernesto. *Jogo duro*: a história de João Havelange. Rio de Janeiro, Editora Record, 2006.

Entrevista com João Havelange feita por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha. Rio de Janeiro. Setembro/ 2011.

Fontes secundárias: (Livros, artigos, etc.)

BENZAQUEM, Ricardo de Araújo. *Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e o contexto da obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora 34, 2006. (2ª edição)

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Revista Estudos Históricos*, v.10, n.19, pg. 83-97.

BOURDIEU, Pierre. O sentido da honra na sociedade Cabila, pg. 33 (1965). In: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática: precedido por três estudos de etnologia Cabila*. Oeiras, Celta Editora, 2002.

_____. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. São Paulo, Marco Zero, 1980.

_____, A ilusão biográfica In: Marieta Morais Ferreira et alii (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

_____. Da casa do rei à razão de estado: um modelo da gênese do campo burocrático. In: WACQUANT, Loïc. (org.) **O mistério do ministério: Pierre Bourdieu e a política democrática**. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2005.

_____, Ritos de instituição” In: Sérgio Miceli (org.) *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo, EdUSP, 2006.

_____, *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, EdUSP/ ZOUK, 2008.

CARVALHO, Iara Lis de. *A pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo*. São Paulo, UNESP, 2002.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1989.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Mozart: a sociologia do gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. “A política brasileira em busca da modernidade na fronteira entre o público e o privado”. In: Lilia Moritz K. Schwarcz. *História da vida privada no Brasil: olhares sobre a intimidade contemporânea*. (volume IV) São Paulo, Cia. Das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. “The inquisitor as Anthropologist”. In: *Clues, Myths and the Historical Method*. California, The John Hopkins University Press, 1989.

HEYMANN, Luciana Quillet. Memórias das elites: arquivos, instituições e projetos memoriais. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 8, 2011.

KUSCHINIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: Oliveira, Monica Ribeiro et alii. (org.). *Exercícios de microhistória*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2009.

HALLBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas: da biografia. In: Remond, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

NORA, Pierre. “Between memory and history: Les lieux of memoire”, pg. 631-643. In: HUNT, Lynn and REVEL, Jacques (org). *Histories: French constructions of the past*. New York, The New Press, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v.2, n.3. 1989.

_____. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. vol. 10, n.5, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “Valtero Peppoloni, the best garbage man in town”. In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: Form and meaning in Oral History*. New York, New York University Press (NYU Press), 1990

VOLDMAN, Daniele. “A invenção do depoimento oral.” In: Marieta Moraes Ferreira et alii (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

Notas

¹ “Havelange lança biografia e diz que foi às lágrimas com lembranças”, Disponível em http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI4961814-EI1832,00_Havelange+lanca+biografia+e+diz+que+foi+as+lgrimas+com+lembrancas.html, acesso às 2: 10, do dia 30/11/ 2011. <http://esportes.terra.com.br/futebol/fotos/0,,OI147830-EI1832,00>

² À guisa de contraste, o jornalista Ernesto Rodrigues, cuja biografia de Havelange, se não é crítica de fato a figura do biografado, é, ao menos, eivada de ambiguidades, conta na introdução do livro que “João Havelange foi a primeira pessoa a ler esta biografia. E não gostou de tudo o que leu. Não porque este livro sustente mentiras ou calúnias. (mas porque) Não acatei outras, relacionadas a manifestações de críticos e adversários de João Havelange ou a fatos públicos de sua vida como dirigente e personalidade mundial, consideradas por ele, ‘inconvenientes’”(2007: 9-11)

³ O próprio Havelange fábrica a sua própria imortalidade: seu acervo privado contem centenas de bandeiras, camisas, ingressos, cartas, medalhas, pins, documentos, diplomas, comendas, jornais e revistas. Infelizmente poucos foram os que tiveram acesso ao acervo-Havelange. Na verdade, Havelange não foi o único desportista da sua geração a guardar suas relíquias como “guarda-memória”. Doado ao Arquivo Nacional, pouco antes o álbum do falecido historiador e primeiro goleiro da Seleção Brasileira, Marcos Carneiro de Mendonça, tem sido analisado por historiadores desde a obra primeira de Mário Filho.

⁴ “Suspeito de corrupção Havelange se retira do COI”, Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/sob-suspeita-joao-havelange-renuncia-ao-cargo-no-coi>., Acesso em 2/01/2012 às 18 horas.

⁵ “Havelange evita se manifestar e considera denúncia de corrupção absurda” <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/06/15/havelange-evita-se-manifestar-e-considera-denuncia-de-corrupcao-absurda-diz-jornal.htm>

⁶ “O triste fim de João Havelange”, disponível em <http://blogdojuca.uol.com.br/2011/06/o-triste-fim-de-jh/>, acesso às 01: 58 no dia 30/11/2011.

⁷ Pierre Nora (1995) cita como exemplo museus, arquivos, cemitérios, festivais, santuários, entre outros, mas não faz menção nenhuma ao livro. De qualquer forma, a definição precisa dada por Nora sobre um lugar de memória é que ele guarde nele a **intencionalidade da memória**, a intenção de um grupo de se fazer lembrar, no que, como vimos, o caso do livro se aplica perfeitamente.

⁸ Lanço mão da ideia de dádiva expressa por Marcel Mauss de forma bem livre neste artigo.

⁹ Reiteradas diversas vezes Havelange declarou que o seu único pedido a FIFA foi a inclusão de Cuiabá e Manaus como sedes da Copa “para que o mundo conhecesse o Pantanal e o Amazonas” Ver: <http://www.futebolmt.com.br/noticia/futebol/copa-2014-joao-havelange-reafirma-que-impos-cuiaba-e-manauas>, acesso às 16 horas, dia 02 de janeiro de 2012.

¹⁰ Pergunto-me se não estaríamos aqui diante de uma característica da dimensão da política no caso brasileiro, cujos estudos se relacionam. Karina Kuschinir (2000) em seu trabalho sobre os Silveira fala de que a vereadora Marta (nome fantasioso) se orgulhava de conhecer todos os eleitores pelo nome.

¹¹ O título é inspirado em Norbert Elias, **Mozart: a sociologia do gênio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

¹² Neste particular, esta *insígnia* remete à sagração de D. Pedro I como o Imperador do Brasil e ao momento fundacional do Estado-Nação: a imagética do coração e do sacrifício do povo ao rei era precisamente aquilo que fundava a relação entre o povo e o governante. (CARVALHO, 2002). Anos depois, o governo Vargas faria largo uso da mitologia do coração. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes: “Entre a frieza e o impessoalismo radicais dos procedimentos legais burocráticos – ‘o absolutismo da razão’ – e os excessos personalistas de ambição e do desejo – ‘o despotismo da emoção’ – situava-se a política brasileira e o coração do presidente. O coração bem traduzia as qualidades de clarividência e generosidade de Vargas. Estes permitiam que ele se antecipasse às demandas de seu povo e fizesse de sua obra legislativa uma autêntica obra de doação, cuja força residia exatamente em dar, pedindo em troca apenas a retribuição garantidora do vínculo da reciprocidade. (...) O coração, como um canal orgânico, era o centro da própria vida e do contrato político, que, se desfeito, podia ocasionar a morte. O coração era poderoso e generoso a um só tempo e o laço que produzia estava muito além de regras orientadas exclusivamente por critérios utilitários e maximizadores de ganhos materiais. A relação política, própria ao pacto que ele estabelecia funcionava como um ‘sistema de prestação total’, como um tipo de ‘troca generalizada’ que não distinguia entre o interesse e a obrigação moral. (...) No Brasil, a política era outra, e seu laço pressupunha e/ ou desenvolvia vínculos abrangentes, personalizados, duradouros, que incluíam as ideias de retribuição e sacrifício, impensáveis em pactos sociais instrumentais como o modelo liberal.” (1998: 85).

¹³ “O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos compreendido uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa a que poderíamos chamar de superfície social, (...) que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos”. (BOURDIEU, 1996: 90)

¹⁴ Esta citação aparece na página 43, do livro em questão. Ela reaparece, porém, em várias entrevistas concedidas à mídia e à entrevista concedida ao próprio autor.

Dados sobre o autor:

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

Mestre em História-Universidade Federal Fluminense